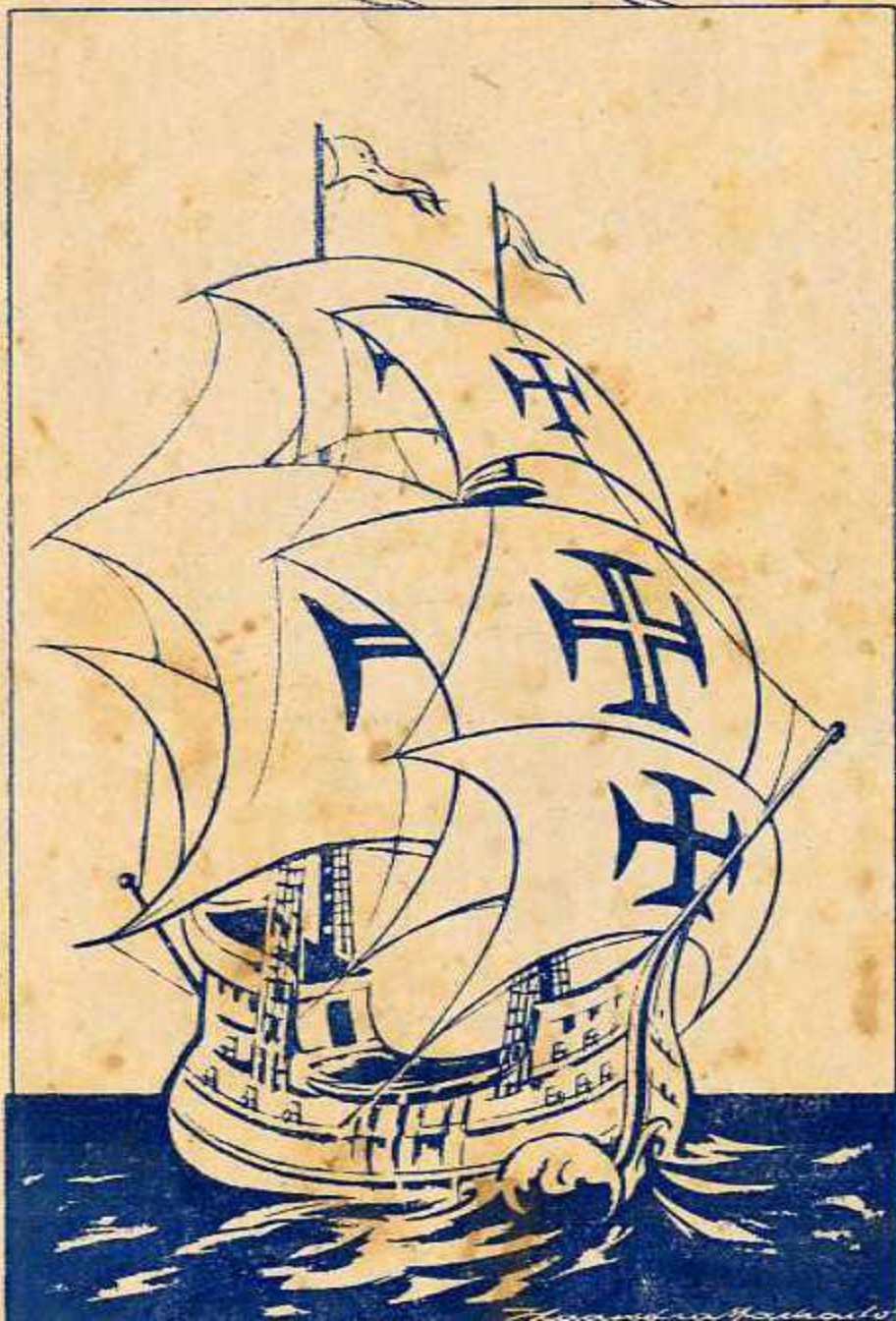


1927



DIRECTOR LITERÁRIO
MATEUS MORENO
(GERENTE)

ALMA NOVA

PUBLICAÇÃO MENSAL

DIRECTOR ARTÍSTICO
J. Saavedra Machado
Secretário: Teófilo Junior

SECCÕES: «Agricultura, Comércio e Indústrias», F. de Miranda Barbosa; «Colónias», J. Gonçalo Santa Rita; «Crónica Financeira», Francisco Machado; «Letras», J. Guerreiro Murta; «Página Feminina», M. A. e M. K.; «Pedagogia», Teófilo Junior; «Sciencia e Filosofia», Newton de Macedo; «Sciencias históricas-Naturais», Ascensão Mendonça; «Sports e Educação Física», A. E.; «Teatros», Oldemiro Cesar e Rodrigues Cósme. ARTE: «Pintura», Martinho da Fonseca e Eduardo Romero; «Escultura», Maximiano Alves; «Arquitectura», Jorge Segurado; «Caricatura», Francisco Valença. REPRESENTANTES: Alemtejo, Picão Telo e Teófilo Junior; Algarve, Pedro Júdice e Samóia Barros; Coimbra, Nuno Cruz; Figueira da Foz, José Brandão; Minho, Cláudio Basto; Porto, Alvaro de Moraes; Vila Real, X; Açores, Braga Paixão e Rebelo de Betencourt; ESPANHA, Rogelio Buendia; Paris, Nuno Valença; Liège, J. Cravo; New-York, Z.

SUMARIO

III.ª SÉRIE - MAIO-JUNHO DE 1922 - N.º 2

«Glória a Portugal! (1500-1922)», por M. M., com ilust.
«Notas à margem de L'ART A-SASSINE de Camilo Maclair», por Henrique de Vilhena, com 3 ilust.
«O Castelo de Silves», quadro de Samóia Barros, com a descrição histórica por Pedro M. Júdice.
«Baile do campo», versos de José Dias Sancho, com ilust. de Roberto Nobre.
«Sé do Funchal, a sua fisionomia artística», por Emanuel Ribeiro, com 11 ilust.
«Marcos, olhando os dedos nus», soneto de Salema Vaz.
«De Coimbra», texto e ilustrações de Nuno Cruz.
«Os Problemas nacionais: Cultura Física», por Alvaro Colaço.
«Hábitos», caricatura por Francisco Valença.
«O Louco Amor», novela, versão de Fidalgo de Figueiredo, com 1 ilustração de Saavedra Machado.
«Arte: Exposições», por Saavedra Machado, com 1 quadro «Figuras num jardim», por Mily Possoz.
«Carta de Paris», por Nuno Valença, com ilustrações de Bernardo Marques.
«Letras: Livros e Autores», por Guerreiro Murta e M. M., com ilustrações de José Dias Sancho.

CAPA DE SAAVEDRA MACHADO

PROGRAMA

CONTRIBUIR para o Ressurgimento Nacional, despertando o culto das virtudes pátrias e o amor das coisas portuguesas.

DEFENDER a pureza da língua e tornar conhecidos, pelo estudo e pela gravura, os principais monumentos nacionais, obras d'arte, museus, etc.

DIVULGAR tipos, costumes, indústrias e folklore regionais.

PUBLICAR estudos de etnografia nacional e de valorização do património continental e ultramarino.

PROMOVER, acompanhando as suas evoluções, a aproximação das letras e artes latinas.

O PRÓXIMO NÚMERO SAI EM SETEMBRO E É EXCLUSIVAMENTE DEDICADO

«A MULHER PORTUGUESA»

FIXANDO-SE O VERDADEIRO TIPO, OU TIPOS, DE CADA PROVÍNCIA

CONDIÇÕES D'ASSINATURA (PAGAMENTO ADIANTADO): Portugal e Ilhas, Trimestre 3\$00, Semestre 5\$50, Ano 10\$00; Colónias e Espanha (só assinaturas anuais), 12\$50; Restantes países (idem) 15\$00. OS PEDIDOS DE ASSINATURA DEVEM SER ACOMPANHADOS DA IMPORTANCIA

ATENÇÃO: — Não fica prejudicado o assinante, quando circunstâncias anormais, que procuraremos no entanto evitar, demorem a saída da revista, porque no acto de pagamento das assinaturas se fixam sempre os números a receber, que são os referentes aos períodos pelos quais as mesmas são tomadas.

PROPRIEDADE E EDIÇÃO DA EMPRESA DE PUBLICIDADE «RESSURGIMENTO»
ESCRITÓRIO: CALÇADA DE JOÃO DO RIO, 8, 1.º (A' POLITÉCNICA) — LISBOA

TODA A CORRESPONDENCIA AO DIRECTOR-GERENTE

ALMA NOVA

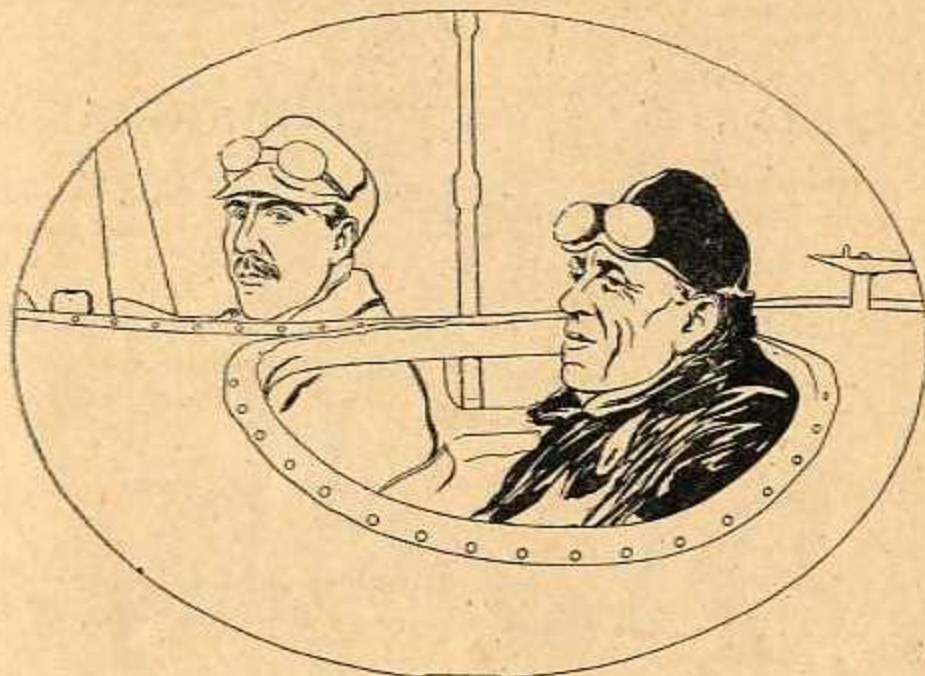
REVISTA DE RESSURGIMENTO NACIONAL

III SÉRIE

LISBOA, MAIO-JUNHO DE 1922

NÚMERO 2

GLÓRIA A PORTUGAL!



SACADURA CABRAL E GAGO COUTINHO

1500 Duas formosíssimas datas que intimamente se equivalem. **1922**
 Ontem, «Debaixo das bravas ondas, por saber os segredos da terra e os mistérios e enganos do oceano»; Hoje — Águia maior, Águia mais bela, Águia dominadora e imperecível —, sob a incerteza profundíssima dos ares e entre o espiralante vôo das outras águias.

Em ambas o objectivo foi sempre o mesmo — um Portugal Maior!
 «Boa ventura! boa ventura! muitos rubis! muitas esmeraldas!» — era já apenas, por fim, o luxurioso brado de Ontem. Hoje, onde mais enternecentes esmeraldas, ou mais arrebatantes e fúlgidos rubis, do que êsses que em vosso vôo triunfal vós acabais de nos trazer, ó gloriosos e para todo o sempre admiráveis demarcadores do espaço, na remoçada e sensibilizadora amizade de um grande povo, cada vez mais irmão, e no renovado culto do mundo inteiro?! Bem haja, sim, o vosso gesto audaciosamente português, e que êle marque, de facto, na vida da nação, o ansiado início de uma Era Melhor.

M.

M.

NOTAS A MARGEM DE "L'ART ASSASSINÉ"

DE CAMILO MAUCLAIR

Vem este grande artigo em *L'Art et les Artistes*, n.º especial de Fevereiro de 1917, que comemora uma exposição — no *Petit Palais* — de obras de arte mutiladas pelo exército alemão, pela sua artilharia e outros brutais processos de assolação, por seus criminosos intuitos de mal e de ruína.

Mas, não obstante eles, aquelas obras de arte não ficaram assassinadas; não, não ficaram, sem embargo do que pretende o prefácio de *L'art assassiné* e o dir em seguida o próprio Mauclair!

¿E porque o ficariam?! ¿Apenas por terem sido ou ficado mutiladas?!

A raça francesa, diz Mauclair, não sabe odiar. Se assim é, ainda bem que assim é! Mas porque naquele momento, justamente, justissimamente, uma cólera santa, uma indignação superior dominavam o Francês, é que ele não reconheceu que aqueles restos dos santos dos seus belos templos destruídos continuavam vivendo com uma graça imperecível.

Quando Camilo Mauclair diz, da exposição, que lembra ou lembrava o museu, a venda depois de um falecimento, o leilão, a exatidão, o armazém de antiguidades, o cartório em que se dispõem e alinham as peças de um processo... e que era sinistro e constrangia o coração, pretende, sem dúvida, exprimir por essas imagens não agradáveis a sua intensa emoção de desgosto. Mas nós ao lado escrevemos, em comentário, aludindo aos fragmentos, objectos e peças da exposição, — que tudo sentíamos muito belo!



ESTÁTUA DE SANTA BARBARA

Em madeira políctroma (ser, XVI) da Igreja d'Hurles (Marne)

Algumas linhas abaixo regista Mauclair: — «E, somente pouco a pouco, uma Beleza esparsa nasce, revela-se e plana sobre esta desolação.» Palavras que ainda não achamos mais que fugitivas, até convencionais, como que explicando ou justificando a ideia da Exposição que se fazia. Contudo a Beleza, de facto, plana e triunfa, não sobre aquilo, mas com e por via daquilo, e sobre as coisas ou seres que se é levado a julgar que assassinaram aquelas obras de arte e lhes roubaram a sua beleza!

Mas muito pode a intuição estética e chega a transluzir através das emoções de indignação, de nojo, de horror, no caso aliás legítimas e muito nobres. E é assim que Mauclair termina meditando sobre a melancolia crepuscular que incide, na sua hora, sobre os objectos expostos, e fazendo sentir a «poesia irradiando da alma das coisas»; «e é então que nasce Beleza, uma Consolação, uma Promessa — como do corpo muito puro dos mártires da lenda sagrada.»

O que está muito bem, mas ao que nós logo chegáramos; nós a quem as afrontas alemãs não tinham

tanto perturbado na alma, e que assim melhor a desprendíamos para a contemplação do que nas coisas que elas afectaram pode haver ou adquirir-se de uma graça perpétua e de um espírito de emoção fertilizadora.



Reims (Marne) Cathedral

O ANJO SAINT-NICAISE dito «O sorriso de Reims»

(Antes do bombardeamento e o estado actual)

17-V-1922

HENRIQUE
DE VILHENA



O CASTELO DE SILVES

(QUADRO À ESPÁTULA POR SAMORA BARROS)

Quem, vindo da estação do caminho de ferro, se aproxima da antiquíssima Silves, depara a pequena distância daquela estação, para a banda do norte, com uma cidade disposta em anfiteatro, onde o delírio da cal, que tanto ofende os olhos na estação calmosa, vai a pouco e pouco cedendo o lugar às variadas cores que já abundantemente salpicam a casaria; e, coroando o conjunto, o velho castelo junto à catedral cristã. Desde logo o turista ilustrado compreende que o castelo de Silves, com os restos daquela magestade que ainda conserva, e tendo em si profundamente gravada a acção carrossiva dos séculos, muito tem que contar, e ao pensamento traz actos históricos de incontestável importância. Assim nos dirá que nos tempos da sua maior glória foi Silves a mais importante cidade da Espanha muçulmana. «Davam-lhe a primazia entre as cidades da Espanha Árabe» (História de Portugal por O. Martins, 5.ª ed. tomo I pg. 92) — Vestida de palácios coroados pelos terraços de mármore, cortada de ruas com bazares recheados de preciosidades orientais, cercada de pomares viçosos e jardins, Chelb era a pérola de Chenchir, onde os príncipes da Mauritânia vinham gosar com as mulheres formosas, de puro sangue árabe, os seus ócios luxuosos. Era ao mesmo tempo uma praça terrivelmente fortificada» (idem pag. 92 e 93).

A pag. 37 da História de Portugal por A. Herculano, tomo II, 5.ª edição, lê-se:

«... e a cidade ostentava a sua vasta e soberba perspectiva aos olhos dos cruzados que viam pela primeira vez ante si uma capital nivaluana».

Silves era das mais importantes povoações da Península. A almedina ou cidade antiga, coroada da sua kassha ou castello, tomava a coroa de um monte... Comparada com Lisboa, Silves era muito mais forte e em opulência e sumptuosidade de edifícios dez vezes mais notável».

E para terminar esta ligeiríssima notícia que acompanha o trabalho artístico do sr. Samora Barros transcrevemos duas estrofes dos Lusíadas, a propósito da conquista de Silves, que o seu castelo nos sugere.

Depois que foi por Rei alevantado,
Havendo poucos anos que reinava,
A cidade de Silves tem cercado,
Cujos campos o bárbaro lavrava:
Foi das valentes gentes ajudado
Da Germânica armada, que passava,
De armas fortes e gente apercebida,
A recobrar Judéa já perdida.

(Lusíadas, Canto III, Octava LXXXVI).

Mas a formosa armada que viera,
Por contraste de vento àquela parte,
Sancho quiz ajudar na guerra fera,
Já que em serviço vai do santo Marte:
Assi como a seu pai acontecera,
Quando tomou Lisboa, da mesma arte
Do Germano ajudado Silves toma
E o bravo morador destruc, e doma.

(Idem, idem, LXXXVIII)

PEDRO M. JUDICE



BAILE DO CAMPO

Naquelas tardes calmas de verão
As moças mais gentis da povoação
Reuniam-se ali, para dançar...

Piscavam o olho aos moços, e, juntinhos,
Ao som dos excitantes corridinhos
Deixavam-se por eles abraçar.



Eram moças coradas, com saúde...
Dava-lhes cor aquela vida rude
Que levavam no campo, arduamente...
Sobre os ombros, os lenços, tão vermelhos,
Faziam requebrar até os velhos,
Eram como bocados de poente.

O sítio era bonito... Milharais,
Águas de rega, noras, olivais.
Um ar enternecido de saudade...
Dançavam numa casa, junto á estrada,
Onde havia uma boa marmelada
E um vinho que invejavam na cidade.

Sentado sobre um trono magestoso,
— Duas pipas de vinho delicioso —
Empunhava o harmônio, o tocador.
O moço dos ferrinhos lá estava,
E num *balso* ligeiro, que excitava,
A multidão movia-se em redor.



Uma festa pagã... Homens, na rua,
Sentados em cadeiras de tabua,
Passam uma caneca, mão em mão...
Se vêem uma moça sorridente,
Há logo algum que grite, de repente:
— Olá priminha! — e dá-lhe um beliscão.



Um corridinho, leve, desafia...
E aquela gente baila, rodopia,
Numa alegria sã e triunfal.
Tudo isto em borborinho, sem um grito,
Na dança põem a unção dum rito,
E some a voz o louco anseio carnal.

Não é orgia. Orgia é exagêro.
Tudo aquilo é o ritmo sincero
Dos simples corações da Natureza...
Há quem coma talhadas de melão...
Gente nova combina uma função
E dá dinheiro já para a despesa.

Moços fortes, de grandes varapaus,
Com fama, pelo sítio, de maraus
Vão ali arranjar seu namorico...
De chapéu d'aba larga, olham de esguelha,
E costumam trazer atrás da orelha
Pernadinhas de verde mangerico.

Já sufoca, o calor... Pra refrescar,
O vinho espuma, além, num alguidar,
Com açúcar e doces miraolhos;
E aquilo tudo bebe-se às colheres,
E faz que os homens fitem as mulheres.
Com uma pinga a mais, a rir, nos olhos.



A tarde cai de manso... A Terra, resa
A sentida oração á Natureza,
E no céu esmorece, ao longe, a côr...
Raparigas passeiam pela estrada,
E alguma delas, mais experimentada,
Vai-lhes a ensinar coisas d'amor.

O do harmónio está cansado já...
E vão levar-lhe, mesmo onde êle está,
Copos e copos de espumante vinho.
Alguem pede dez reis pró tocador...
O ar é mais pesado, há mais suor,
E começa outra vez o corridinho.

Termina o baile, é já noite cerrada!
Já então muita moça enfeitada
Se perdeu, por amor, sob o arvoredado...
Nas casas, a distância, passam luzes;
Mesmo junto da estrada há duas cruces,
E a noite envolve tudo em treva e medo.

Nisto, um rumor longinquo sobressalta;
Ouvem-se umas palavras em voz alta...
Depois, silêncio... e um grito... e uma praga...
Só a aragem agora é que murmura...
— Foi o fim, o liquidar duma aventura
No sinistro mistério da azinhaga!

S. BRAZ D'ALPORTER
AGOSTO DE 1917

JOSÉ DIAS SANCHO

(ILUSTRAÇÕES DE ROBERTO NOBRE)

ROMAGENS D'ARTE

SE' DO FUNCHAL

A SUA FISIONOMIA ARTISTICA

DO alto da torre articulada junto do braço direito do transepto, depois de ter passado o olhar pelo horizonte afiado das águas e pelas linhas arripiadas das montanhas, e pousado sobre a cruz sanguínea do barro cosido das telhas que cobrem a catedral, vêmo-la jacente, de braços abertos, corpo estendido ao longo da terra, de cabeça voltada ao levante e pés direitos ao poente, onde se rasgam os umbrais de colonelos do pórtico, coroado por uma subtil rosácea transformada no basalto, pela qual, ao cair da tarde, o sol alaranjado do ocaso entra e beija, numa apoteóse litúrgica, as dobras arrendadas da toalha branca do altar-mór.

Lá no alto, onde palpitam os bronzes, uns que cantam, outros que choram, outros que marcam cromáticamente a vida. — sinos de festa, sinos de dobres pungentes de lágrimas, de horas que mãos matemáticas ligaram á máquina que funciona há mais de vinte e oito lustros, indicando ao formigueiro humano cá do baixo, com o dedo de ouro, os momentos alegres, os instantes fugidios da felicidade, as horas da luta das gerações



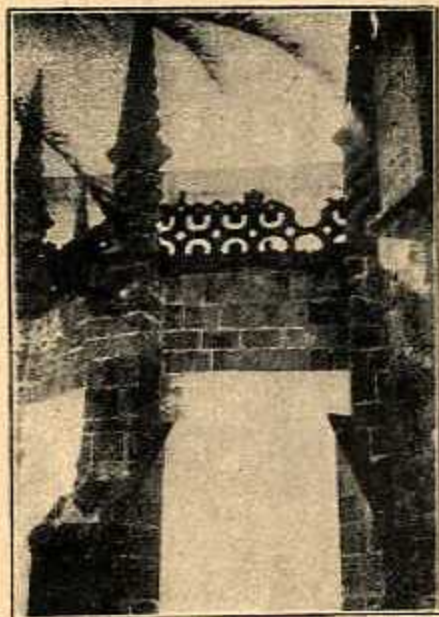
VISTA GERAL

a obra saída das suas mãos.

Detalhes interessantes ornamentam os arcos ogivais desse último pavimento: renques de pérolas, fiadas de folhas de carvalho e oliveiras.

Esculpidas ingenuamente, existem quatro cabeças — goteiras encastradas no eixo das faces da pirâmide terminal que se alonga, direita para o céu, revestida de azulejos que brilham ao sol com reflexos metálicos.

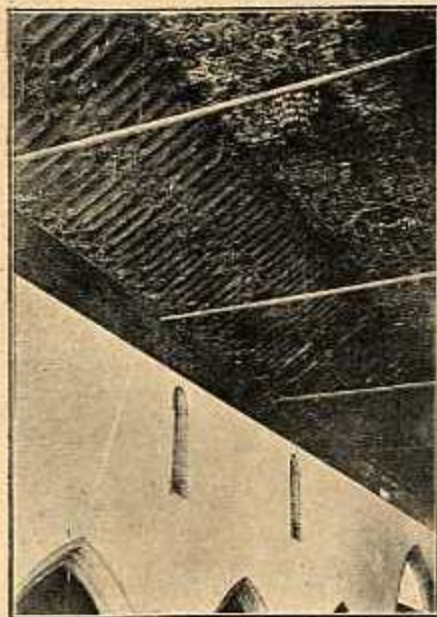
Depois de transportar o ádito, por onde tilintaram nas fivelas cinzeladas dos calções de seda, os espadins de gala, de punho de ouro, dos donatarios, depara-se-nos o templo rasgado em três naves, de arcadas desenhadas sobre o perfil das mãos em oração das virgens de idade-



DETALHE EXTERIOR

média, arcadas que comtêm os vértices do triângulo que formavam as tendas de campanha dos nosso remotos avós, como que a lembrar através as idades, ás mentes apagadas, o traço andaz do gládio que esculpiu a figura animada duma pátria que sonhe tecer, com mãos prodigiosas de audácia, vélas que foram, desafiando o desconhecido, erguer em novos continentes, ao sol vivo do oriente, as quinas, já engrinaldadas de louros, de Portugal.

A Sé do Funchal é uma rapsódia de



NAVE LATERAL



NAVE LATERAL

estilos, ligados por certo gosto heterogêneo, que soam harmoniosamente.

Dentro da linha geral gótica, esbelta e grácil, admira-se, no tecto que cobre as naves e transepto, a música complicada dos entrelaçamentos árabes, nos quais o geômetra sábio descobriu uma filosofia da forma, onde residiam sensações estranhas, ora de sentimentos calmos, serenos e magestosos, ora impregnados duma vaga melancolia de mistério. Toda essa decoração poligonal, que sonberam com tanta mestria e maravilha combinar, revelava aos olhos desses hábeis ledores da imagem pareceres profundos e primorosos.



NAVE LATERAL

As figuras equilibradas,

simétricas, de igual número de lados iguais,— davam-lhes a sensação da grandeza incomensurável, do vôo largo duma asa gigante, do infinito, enquanto as que têm um único eixo de simetria, com número ímpar de lados, sugeriam-lhes a ideia duma tristeza profunda e imensa, indicavam-lhes a trajectória duma grande dor irreductível e interminável!

A imutabilidade eterna, as forças e leis inabaláveis e sem fim, que regem a natureza, essas eram-lhes sugeridas pelo quadrado e octógono. O heptágono tinha para eles, matemáticos-sonhadores, qualquer coisa de insondável, de mistério vago, de incógnita inquietante.

Cobre a ábside uma abóbada, pintada, de fortes nervuras rematadas por esculpidos fechos. A cerca as do eixo longitudinal, que representam o escudo das quinas, a cruz dos Cavaleiros da Ordem de Cristo e a esfera armilar, há outros com variadas interpretações da flora indígena. Os primeiros são três belos símbolos da nossa História ida. Num palpita o coração e alma dum povo livre; noutro uma lé generosa e forte de esperança; em outro, então, reverbera o loiro da glória sobre a asa trémula e curva duma vela por entre vagas revoltas e espumantes.



CAPITEIS ARCO INTERIO

Enquanto as estátuas dos deuses pagãos assistiam na sua beleza estética, direitas e nobres, sobre os plintos de mármore, ao despontar da madrugada nova, eis que uma arte enternecedora, a pintura, que até então tinha vivido vida humilde e apagada, alvorece banhada na luz vibrante das cores,

nas mãos ingênuas, hesitantes e simples dos proto-modeladores do claro-escuro. Este raio de luz fixado na tábuas, cantando às almas brancas e oprimidas o amor da justiça e da bondade, o amor da igualdade e do perdão, luz corporalizada, onde fremia a carícia redentora que libertou a mulher, de odalisca ou sultana, e que fez com que a nova religião fosse celebrada pelo culto fervoroso dum ideal feminino, esse raio estilizado é que tornou a pintura caracteristicamente a arte do cristianismo.

Cânticos primeiramente infantis, modestos, sem longínquo! Odes impregnadas de ternura mística! Salmos banhados de novas afeições, de novas amizades! Hinos e salmos de forma, de tonalidades e contrastes! Odes e cânticos com gradações do cor, de reflexos, de sombra e luz! Cânticos que ainda se cantam; hinos que ainda se ourem; odes de almas que nos abrem aos olhos a psicologia terna dessas almas; salmos doentes de doentes da bondade, de bocas que sabiam morrer sorrindo...

Na Sé do Funchal há mais de cinquenta panos e tábuas onde o pincel do artista fez, e em alguns deles belamente, vibrar as gamas iridescentes das cores. Dos fundos escurecidos aparece-nos, por vezes, o recorte puro de figuras tocadas dum tal sentimento e vida, animadas duma tal pureza e ternura que

apenas parecem quedar-se numa extática e mística contemplação envoltas em aurifrigiados mantos que, em longas prégas clássicas, caem sobre os corpos emmagrecidos das longas e constantes inéduas de sacrifício.

Algumas tábuas, das três que ornaram o retábulo do

altar da capela-mór, merecem atentos minutos de estudo. Em uma delas julguei encontrar o soberano perfil duma personagem ilustre. Guardo, porém, para um próximo trabalho algumas detalhadas elucidativas referências a esse painel.

No transêpto, lado esquerdo da epístola, em improvisadas prateleiras destacam-se horivelmente três imagens modernas.

Não discuto o significado — longe disso o pensamento! Unicamente desejo salientar o contraste desastroso que fazem com o Cristo cor de cera e cabeça pendendo agonizante, belo e simples, humilde e santo na sua dor, que a meio se encontra.

Essas três figuras carminadas, de tipo de mostruário, de cabeças sem nobreza, nem ideal, parecem simplesmente orgulhosas das vestes novas...

São bem melhores para o harmónico conjunto os quadros que os ditos vultos laterais encobrem.

As devoções, como a política dos homens, sofrem também crises singulares!...

Numa arrecadação, poeirenta como todas as arrecadações, dentro dum velusto estôjo encontra-se a cruz, dádiva preciosa que foi de D. Manuel, o venturoso rei. Essa peça, primor da ouri-

vesaria do século XVI, belo documento artístico que evidentemente mostra quam adiantados estavam os nossos rendilhadores de metais da época, pena é que até hoje, bem como outras preciosidades, não tenham conseguido, com as necessárias precauções, lugar apropriado onde possam ser admiradas.

A exemplo do que se faz lá fóra, já felizmente se vê entre nós espíritos cultos, alheios a rotinas retrógradas, conseguir trazer à luz, do recanto abalocido das coisas velhas, riquezas de muitos ignoradas e alguns esquecidas... O número por enquanto é restrito, infelizmente.

Bom é que se saiba uma vez mais, porém, que o valor dos povos se aquilata pelas obras d'arte que estão em sua posse e o merecimento e estima que estes lhes dedicam.

Admiráveis, dois jarrões da Índia que se encontram na Capela do Santíssimo, bem como duas belas consolas feitas naquela engenhosa graça do estilo Luís XV.

Na sala daquela confraria, com um lambris de azulejos no mesmo género que os da sala do cabido da Sé da cidade do Porto, existem algumas peças de culto dignas de apreço. Uma salva de burilados lavores,

com um enigma conceituoso ao centro, é deveras interessante.

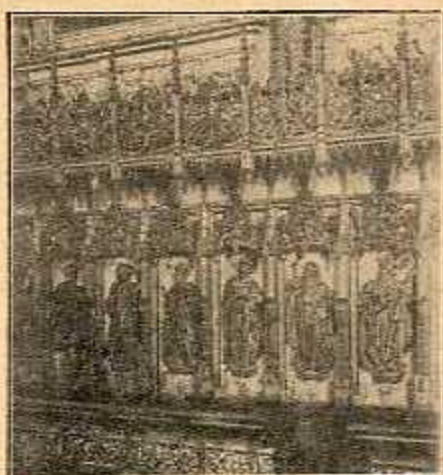
Uma das coisas que mais me encanta em certos monumentos onde se admiram as galbas elegantes e fortes das colunas, corpos que sustentam e parecem orgulhar-se do fardo, são os capitéis.

O capitel na coluna é o mesmo que a cabeça no homem! O homem no rosto exprime sentimentos e ideias assim como o capitel exprime ideias onde não falta, por vezes, o sentimento também.

Há uma diferença, no entanto.

Enquanto o rosto humano num minuto pôde revelar-nos dor e ódio, alegria e amor, no capitel o cinzel que lhe rasga a boca e concedeu a palavra muda da forma, marcou-lhe para todo o sempre o mesmo canto, o mesmo conceito, a mesma afirmação concisa e invariável! É um canto eterno com uma eterna modulação num ponto terminal, em sinal de magestade e, além disso, para que a todos os olhos se mostre sobranceiro e grácil, delicado e forte.

Há capitéis que são um enigma, como certas máscaras viventes! Outros que nos dizem retalhos da vida humana, da vida santa, da vida prolífica dos seres, da vida vegetal.



CAPELA-MÓR



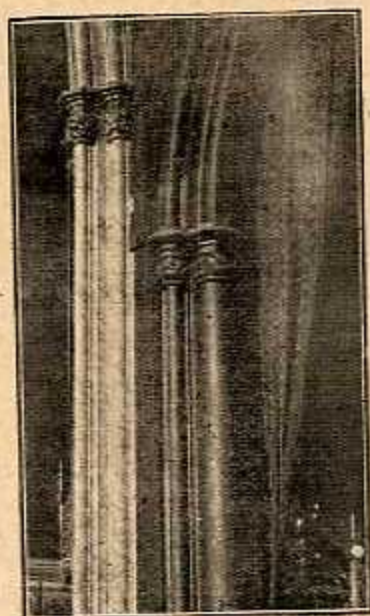
PÚLPITO



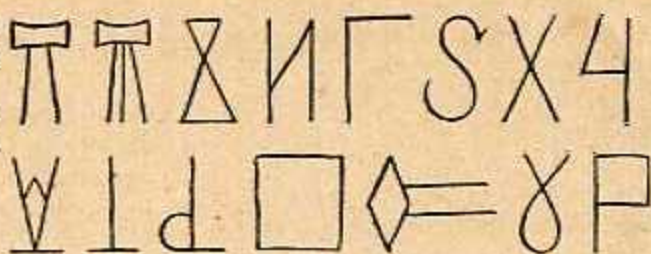
SACRISTIA

Há capiteis simples, complicados, graciosos, severos, exóticos, floridos, com os corpos humanos, com fragmentos humanos...

Há capiteis esbeltos, subtile, franzinos, mas no entanto todos eles resistentes e sólidos. Sobre eles cá a



CAPELA DO SANTÍSSIMO



SÓ DO FUNCHAL — SIGLAS DA TORRE



MARCAS, OLHANDO OS DEDOS NÚS:

*Heráldicas safiras, que vos fiz?
Esmeraldas d'esperança, onde vos puz?
De astrais brilhantes, que é da casta luz?
E onde sangrais, meus bélicos rubís?*

*Perdi-vos para sempre! A sorte o quiz!
Choram por vós meus pobres dedos nús...
Como um vitral precioso nos seduz
De Laura o lacteo corpo onde fulgiz!*

*Tudo o que eu tinha, Amor, tudo te dei.
Sou pobre como Job e como um Rei
Fui pródigo de Bens e d'Honrarias!...*

*Hoje... ai de mim!... Quizera reaver
Meu coração, que tu levaste, a arder,
Por entre coruscantes pedrarias!*

Agosto de 1920.

SALEMA VAZ

(Do livro inédito: *Alguns Sonetos.*)

carga dos arcos que os não quebra, a carga das abóbadas que os não esmaga.

O capitel aparece-nos sempre com o riso com que o banharam, com a luz que lhe fixaram, embora haja sobre eles o peso das aduelas, dos artesões, dos fechos lavrados, das cortinas compactas dos muros; a sua *facies* não se altera, conserva-a tal qual o artista a sonhou e modelou...

Desde a esfera armilar, que corôa os colonelos das frestas rasgadas sobre a nave central, ao grupo que termina o admirável feixo do arco cruzeiro em que há lutas animais, dos significativos capiteis da capela do Santíssimo, até aos da capela-mór, onde os santos aparecem ostentando as insígnias das suas dores e sacrificios, que belo concerto de encantados labores ingénios e profundos, singelos e graciosos!...

... Quando o sol claro e límpido polvilha de ouro, ao fim da tarde, o pórtico da entrada, e enche de luz a fachada, outrora única e bem pensadamente adornada com a rosácea, a estólida cor rubra, que a cobre em parte, parece-o de envergonhada das duas aberturas que alguém, julgando melhorá-la, lhe arrombou nos muros, sem pudor.

EMANUEL RIBEIRO

QUERE DINHEIRO?

JOQUE NO

Lama

R. do Amparo, 51

LISBOA

Telefone: Norte 4020

DE COIMBRA



COMEÇO hoje as minhas cartas de Coimbra, e apresentados os meus cumprimentos à Redacção e aos meus amigos da *Alma Nova*, dirijo-me em respeitosa mesura aos Ex.^{mos} leitores, certo

de que me protege, à falta de merecimentos próprios, o interesse que ainda desperta a muita gente esta cidade lendária, donde escrevo.

Na verdade, Coimbra já não tem para o país o interesse dos tempos distantes, em que era corte dos nossos reis: já não é a cabeça do país, num tempo em que três Universidades em competência jorram a luz do saber sobre Portugal; e, mesmo daqueles antigos dramas d'amor em que se immortalizavam as Inezes e as Marias Teles, mesmo desses dramas já não é Coimbra o teatro, e quando muito, por circunstâncias fortuitas, é que ainda aqui se fazem sentir, de longe a longe, os ecos dos seus gemidos e das suas emoções.

Queixam-se muitos amigos desta cidade de que o nome de Coimbra nunca se ouve no Parlamento — a não ser quando algum partido político aqui reúne o seu congresso, ou então, está claro, em alguma questão de interesse geral — como no caso Lopo de Carvalho.

E' pouco, — dizem amargamente. E, abandonando o velho motivo da incuria dos nossos governos, há já quem afirme que existe não só um conceito de opinião como até um plano de governo, mantendo-se através dos ministérios, — de odio a Coimbra!

Enfim, é muito possível que os homens públicos não tenham sempre os olhos postos nesta terra: mas, apesar disso ainda há, espalhada pelo país inteiro, muita gente a quem Coimbra interessa.

Raparigas de 20 anos, por esse país fora: aquele rapaz que, na última excursão da tuna, vos pediu «um bocado das vossas olheiras para remendar a capa»; aqueles que, altas horas, acordaram a vossa rua com o galanteio duma serenata aqueloutro que no palco tinha tanta graça (talvez um bocado alegre, mas que desenvoltura!) e ainda aquele vosso patricio que — parece — lá por Coimbra faz umas partidas estupendas...

— todos esses cá estão ainda.

A árvore do Ponto, no Jardim Botânico, começa a florir, e dentro em breve eles daqui abalarão, no seu vôo d'andorinhas.

E então vão ser as férias, as termas, as praias, o campo, as reuniões, a vida cor de rosa!

Rapazes do Liceu, que em breve para cá vireis — oh! o que nós sonhávamos, o que nós adivinhávamos, no horizonte de Coimbra próxima, quando tínhamos a vossa idade! As serenatas, as tricanas, os amores, o Magrinho com as suas rixas gloriosas, as fogueiras, a liberdade, o Choupal e os seus lavadeiras, duma graça de sonho! Oh santa docilidade com que aceitávamos as fantasias que liamos, os carapções que ouviamos sobre Coimbra!

Mas, de todos aqueles a quem Coimbra nunca esquece, é avós, sobretudo, que me dirijo, senhores doutores, que aqui vos formastes e que por aqui passastes o melhor duma radiosa mocidade.

Em breve, na próxima reunião de curso, muitos hão de vir ter aqui, quem sabe se a inconfessada satisfação de lamentar o que tudo isto está mudado. (Oh! no nosso tempo!...)

As repúblicas escasseiam, os estudantes comem nas pensões. A cabra, com estes cursos livres, tem a voz dum papão em que já não se acredita. A Marrafa, que hão de ir procurar e beijar à Rua da Matemática, voltou-se para Deus. As sebentas, também, já não são como dantes. Os sebenteiros foram definhando. A certo ponto

estavam como os livros de mortallas «ne livrant qu'une seule feuille à la fois (Marque déposée). Marca deposta, de resto, por culpa dos xapirógrafos. Agora, umas lições são impressas, outras não se publicam, ficando apenas gravadas nos corações dos alunos.

As «troupes», as algazarras nocturnas, são menos frequentes — que as patrulhas da guarda vaguem à solta pelas ruas, e a liberdade, por conseguinte, um mito.

A Associação Académica faz campos de jogos, e os estudantes cultivam mais a destreza no «football» do que a força braçal nos halteres.

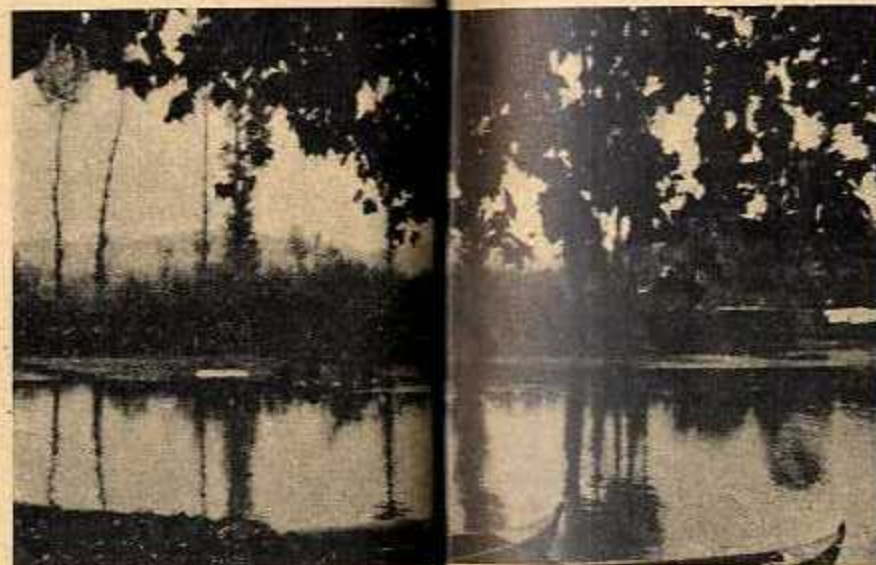
De resto, a própria cidade se modificou. Há casas novas no Penedo, há avenidas rasgadas. Entre as estações da Via Férrea nasceu uma cidade de fábricas e escritórios. E mesmo na Alta imutável, com a aplicação da luz eléctrica, adeus encanto das ingremes

ruelas tortuosas e obscuras, cujo misterioso silêncio era apenas de vez em quando turbado pelo baque dalgum notívago, partindo duas costelas!

Enfim, algum mais mal humorado terá ao menos, à ceia, nos Caçadores, o gosto de poder dizer — «Tudo mudado, não; as raparigas da Alta ainda são as mesmas!»

E contudo, senhores doutores, é preciso não sermos excessivos. Lembrem-se que nos seus primeiros anos também ouviam dizer aos mais antigos: — oh! no nosso tempo!...

E hão de notar que, sobretudo, uma coisa não mudou.



UM ENCANÇO RECANTO

CHAL
MAIS DO
MEGO

E' o estranho encanto desta cidade, quando a horas mortas andarem fazendo a sua romagem de recordações; quando tornarem a ver a Sé Velha, banhada de luar, como uma arca fantástica de saudades; quando, de repente imobilizados, tornarem a ouvir os rouxinóis de St. Cruz; quando, de St. Clara, os seus olhos enevoados se quedarem sobre Coimbra dormente, e quando se sentirem presos, afogados num hausto de saudades, vendo erguer-se diante de si o fantasma da cidade e o do seu próprio passado, a envolvê-los numa carícia pungente, tão penetrante e tão doce que chega a ser cruel!

As lágrimas dessas romagens de cursos, disfarçadas em jovialismos, tenho-as visto tantas vezes e sinto-as tão comovidamente, como se as andasse eu mesmo a prelibar.

Pois é de todas estas mudanças que eu lhes falarei; das casas velhas que abatem e das casas novas que se erguem, ao passo que fôr encontrando a trave solta, o andaime erguido, a telha partida, a casa em obras, o caruncho, o musgo, o alegrete e o braço d'hera, que vão marcando a vida, as transformações e a continuidade de Coimbra.



TEXTO E ILUSTRAÇÕES
DE NUNO CRUZ

OS PROBLEMAS
NACIONAIS

CULTURA FÍSICA

NA nevrose dos últimos anos, em que as nações viveram a tensão da guerra, sobressaíram os soldados americanos e ingleses, pela fleugma, resistência, agilidade e sobretudo pela extraordinária disciplina.

Incontestavelmente grandes os povos, como estes, que actualizam a sua existência no apoio contínuo dos conhecimentos com que a evolução das sciências vai saudando o século em prol da hygiene física e mental da vida. A prática destas hygienes recolhe o melhor traço das duas únicas organizações humanas — a individual e a colectiva.

Assim os povos são sempre novos e belos, até mesmo quando sorriem indulgentes para o anacronismo jornalístico dos que não fazem outra coisa que escrever «a história repete-se».

Para eles a história não se repete, nem deve repetir-se, mas engrandecer-se no brilho de novos feitos, no progredimento da humanidade. A história contemporânea tem que ser mais opulenta que a do passado.

Repete-se, só o história dos enfraquecidos de vontade, dos perseguidos pela tirania do atavismo e da involução, que vivem recordando perenemente um renque de glórias poídas de tempo e expostas no bolor dos museus de arqueologia.

Esforcemo-nos por activar as inteligências e as ambições honestas, criando iniciativas, nova história, não de páginas asfixiadas com eternas descrições de sabedoria antiga, mas ridentes de assinaladas virtudes da humanidade de hoje, para solevarmos da tradição um povo e uma nacionalidade moderna.

A efectivação deste desiderato prende-se com o equilibrio das duas organizações de que falei adiante, sendo a organização colectiva consequente da individual. Trate primeiro do individuo quem pensa melhorar a sociedade.

Formemos o homem — exclama a voz dos fortes — dando-lhe uma sanidade mental dentro dum vigor físico.

Formemos o homem, grita a ânsia das mães que desejam realizar em seus filhos o orgulho da raça. Fornar o homem é o clamor das sociedades no intuito da conquista máxima duma nacionalidade.

A sciência da educação física vem acentuando e sistematizando as normas para a formação do ser humano, ora corrigindo-lhe os defeitos natos por intermédio dum orientador competente, ora aperfeiçoando e revigorando a obra que a natureza nos lança com poucas probabilidades de triunfo.

O saber de que hoje dispomos, e a técnica, criando processos especiais, dão a cada defeito a sua correcção, a cada individuo uma ginástica adequada, operando desta maneira verdadeiros prodígios em pessoas que dantes eram condenadas á sua deformidade.

A ginástica deixou a velha sinonímia de *Código de habilidades e piruetas*, para convocar, com o nome de Cultura Física, os fóros de complicada sciência, duma difícil aquiescência a todas as entidades que inconscientemente se arvoram em professores de educação física.

A noção de cultura física implica uma longa e complexa preparação científica, que apoiada na medicina vai-se aconselhar da estética para realizar a silhueta normal do homem.

A cultura física, e várias outras sciências de íntima relação com a fisiologia e a patologia humanas, só podem ser melhor compreendidas por médicos, que também serão deficientes educadores se não fizerem a especialização.

Veja, querido leitor, quão vasta a illustração que vive na dependência da educação física, e como se torna irrisório o que há feito entre nós.

O que há entre nós?

Entre nós não há quasi nada. O que há é pouco.

Oficialmente, temos duas ou três horas semanais de ginástica liceal. O que alguma coisa poderia representar, se os governos estivessem a par do que lá fóra se vem fazendo há uns dez anos.

De iniciativa particular, existem associações com o nome de *clubs*. Mas estas associações, algumas delas suficientemente instaladas para o seu objectivo, não correspondem ao verdadeiro fim da cultura física, quer porque elas de início trouxessem uma vontade desportiva e atlética, quer porque a falta de recursos materiais — impedindo a aquisição de técnicos e médicos especializados — obrigassem ás respectivas direcções manter a directriz seguida desde o principio. Quasi a totalidade dos associados destes *clubs* não faz cultura física. Os que lá frequentam as classes de ginástica contam-se por dezenas, e em geral são os entusiastas por *sports* e pelos títulos de «campeões».

De resto, diga-se de passagem, as classes de ginástica sueca que funcionam nesses *clubs* são muito mais proveitosas e melhor regidas do que nos liceus — salvo, talvez, rara excepção.

Além destas associações, há uma ou outra *sala* em Lisboa, onde é administrada boa cultura física, sem a preocupação do *sport* nem do atletismo.

Também temos, embora muito poucos, consultórios médicos onde especialistas de critério ensinam a rigorosa cultura física, depois dum prévio exame do aluno, que é iniciado na prática só dos exercícios compatíveis com a sua fisiologia e tornados progressivamente mais intensos, á medida que o organismo vai ganhando em robustez.

Por último, ainda oficialmente, temos a recente invenção dum curioso curso de educação física, onde senhores e senhoras vão buscar o diploma de professores de ginástica das escolas primárias. Uma preparação rudimentar dá ingresso neste curso, aliás muito frequentado, vendo-se até no número dos alunos um rancho de meninas casadoiras, transitando felizes duma aula para a outra, não tanto — julgo eu — no desejo consciênte de desempenharem a dificultosa missão social que injustamente lhes é imposta pelo curso, mas na pressa de se beneficiarem das vantagens que o diploma lhes dá no *struggle for life*.

E estes futuros professores se destinam á cultura física das crianças! Reparem bem — das crianças!

A organização deste curso obriga os seus alunos, de

minguada bagagem científica, a responsabilidades de que estes pobres viventes nem sequer fazem ideia.

E' falta de tino, no estado actual do progresso da cultura física, querer proporcionar às crianças uma ginástica a esmo, sem uma direcção segura, que só deve ser confiada a um médico ou á vigilância deste, pelo menos até aos quinze anos de idade. Seria escusado apontar todos os inconvenientes da excelsa criação deste curso. Na impossibilidade de poder fazê-lo, vou expor certas interrogações que de momento me sugerem.

Como é que estas bem intencionadas individualidades poderão, por exemplo, distinguir no fim de certo tempo de exercícios, o banal cansaço, da verdadeira intoxicação originada por uma *surmenage infantil*, proveniente do esforço? De que maneira escolher a ginástica propria ao organismo de tal ou tal criança, não tendo os professores a illustração técnica para conhecer os temperamentos, as compleições físicas, as sinérgias funcionais, etc., e cuja ignorância neste assunto de capital importância para a educação das crianças, longe de evitar a exaltação do nervosismo, trará, possivelmente, uma terrível consequência—a neurastenia infantil — *«car la neurasthénie des enfants*, diz o notável professor Dr. Heckel, *se voit tous les jours en consultation»*?

Este iminente médico, uma das maiores autoridades em cultura física, escreve nas suas considerações sobre o desenvolvimento torácico. Ouçamos o mestre: — *«Mais avant toute tentative d'exercice il faudra soigneusement vérifier quelle est exactement la perméabilité nasale et retro-nasale de l'enfant souvent atteint de végétations adénoïdes»*. E agora pergunto eu, qual destes educadores achará, durante os exercícios de respiração, o motivo porque a criança executa penosamente os tempos respiratórios?

Quero antes que as crianças não façam cultura física, nem tenham um método para o seu desenvolvimento, do que, a coberto da incompetência dos outros, serem metódicamente vilimadas por fadigas nervosas, que a acreditar nas estatísticas dão constantemente deformações escolióticas e cifóticas da columna vertebral.

Como é que estes professores poderão indicar os meios para corrigir diversos defeitos da coltina, adquiridos com as posições viciosas durante a escrita? E o perigo para a vida da criança quando se ignora o carácter da sua deformidade, se esta é simplesmente de natureza anatómica, ou de significado patológico?

Tudo quanto rapidamente trago exposto, e muito que ainda há para considerar, nada mais é que uma resenha de noções médicas, que não pertencem a qualquer pseudo-educador.

A moderna concepção da tuberculose, considerada doença da primeira e da segunda infância, previne os professores da necessidade duma cuidada ginástica respiratória, rigorosa e ponderadamente efectuada segundo os métodos indicados por Tissie e outros, nas crianças que dela careçam.

Tenho observado durante o funcionamento de várias classes de ginástica sueca, que os exercícios respiratórios são erradamente ensinados, porque além de muitos defeitos, notei que no 1.º tempo da respiração os alunos inspiram levantando os ombros e bombeando o abdómen, quando em boa prática deviam fazer precisamente o contrário.

De há pouco tempo que a endocrinologia, estudando as glândulas de secreção interna, traz algumas luzes aos mestres que se preocupam com a estética dos discípulos, principalmente quando estes pertencem ao belo sexo. A distribuição das gorduras pelas regiões do corpo humano ouve o critério da anatomia plástica. Não esqueçamos que os ensinamentos duma boa cultura física, devem ser acompanhados de conselhos sobre a alimentação, e nignem que não seja médico aconselhe uma diêta. Daqui se vê a complexa illustração que requer um bom ensino de cultura física, que infelizmente entre nós está muito aquém da verdade.

O que temos a realizar?

Não podendo perder-me nos pequenos detalhes, tocarei de leve os pontos de mais relevo.

E' de toda a necessidade que o Estado crie uma organização modelar, um Instituto de Cultura Física, que habilite professores de educação física. Torna-se imprescindível mandarmos para o estrangeiro individualidades de preparação necessária para uma especialização, e mais tarde, após provas de competência, ser-lhes-à entregue o ensino do mesmo Instituto.

Nas instalações, tão perfeitas quanto possível, não faltarão os banhos de água, do sol, do ar, a massagem, etc.

Supõem alguns que o revigoramento da raça virá da intensificação do *sport*. Este não é mais que uma especialização, e, á semelhança das especializações em todos os ramos da actividade humana, só pode ser cultivado por aquele que depois duma cultura física geral encontre condições de saúde para se especializar. Para mim, não bastam sómente as condições de saúde, para ser um notável *sportman*, sendo preciso que este reúna também as condições de desenvolvimento físico próprias para cada *sport*.

Entendo assim a prática do *sport*, não me enfileirando na opinião, sem fundamento, dos que o condenam sistematicamente, e muito menos ainda na do nosso meio desportivo, que encontra em todos competência física para um *sport*, seja ele qual for e qualquer que seja o desenvolvimento físico do individuo.

Cabe-nos reagir energicamente contra este último critério, fundamentalmente erróneo e perigoso para a saúde.

Por outro lado, há quem confunda que zelar pela nossa cultura física é mandar atletas para as Olimpíadas como representantes da força nacional.

Não sejamos orgulhosos por vermos nas arenas estrangeiras alguns homens que nos representem em força, porque o verdadeiro titulo do nosso orgulho deve estar em sentir em nós mesmo a força que eles lá representam.

A nossa determinante é fortalecer a raça, tornando o português forte, medicamente forte, o que é uma noção diferente da que o vulgo tem dum homem forte.

Ao finalizar direi que o Estado deveria lembrar-se duma Caderneta de cultura física para todos os estabelecimentos de ensino, onde ficasse constado o estado físico do aluno, por fotografias, radiografias, no caso de necessidade, observações dos médicos, etc., etc... Esta Caderneta, sendo um registo do desenvolvimento do individuo, servia ainda para verificação de certos métodos de ginástica.

ÁLVARO COLAÇO



HABITOS



— Também tem o hábito da vilegiatura, sr. Pissarra?

— Não, minha senhora. Por enquanto só tenho o hábito de Cristo.



NOVELA DE D. RAMÓN MARIA TENREIRO
 TRADUZIDA EXPRESSAMENTE
 PARA A "ALMA NOVA"
 POR
 FIDELINO DE FIGUEIREDO

DEBALDE o chamarão da margem fronteira da ria, trigais e milharais, ao estender-se ao sol por vales e colinas; debalde fará o vento soar nos pinheiros dos cumes, a sua grave canção da livre amplidão dos ares; debalde lhe falarão com rudeza de inquietos horisontes azues, sem termo, as ondas do vizinho mar, ao beijar a praia ou morder a penha; o povo, cerrado hostilmente a toda a levandade dos sentidos, lá vive acocorado no sopé do alto monte, na húmida penumbra de robles e castanheiros, como ermitão orando à boca da sua cova.

Dos seus ombros ronzosos pende o velho saial dos pardos telhados do casario. As casas são como senhoras fidalgas em decadência: ainda continuam a ostentar com soberba um escudo de armas na sua fachada musgosa e carcomida, mas caem de podres os denegridos beirais salientes e as grandes varandas de madeira inclinam-se cansadamente para a terra; um hálito de morte sopra silencioso pelas vetustas vielas costaneiras.

Senhoreando tudo, como cabeça do povo, alça a igreja os robustos silhares da sua orgulhosa fábrica; o seu domínio gravita sobre a vila, e eclesiástico é o espírito das suas gentes; em homens e mulheres há nobres figuras enxutas, angulosas, de penitente magreza; nos rostos austeros, nos graves olhos, afeitos a contemplar a ameaçadora muralha verde do monte, que se levanta quasi até ao céu, espelha-se mansamente a mística resignação ante as inevitáveis misérias terrenas. As cerimónias do culto são o maior prazer da alma colectiva; em dias solenes, quando os sinos elevam as suas cálidas vozes em hinos de festa, congrega-se todo o povo debaixo das gigantescas abóbadas sombrias da igreja; os sons do órgão são sensível encarnação do geral anelo, e os gestos rituais dos sacerdotes, entrevistados no altar entre flores, luzes e fulgores de metais preciosos, são para todos antegozo das delícias celestes.

Eclesiásticos são também os seus defeitos; as desavenças políticas são como as discrepâncias religiosas; por

menos de nada se préga a guerra santa; um ódio teológico preside às relações com o sequeiro do partido adverso, criatura manchada a quem se nega a água e o fogo, excomungado, hereje. As invenções da gula florescem lonças como em cosinha de convento; pingues tortas de aves e de ostras, doces folares rangedores, coruscantes biscoitadas, dourados empadões cuja face ostenta misteriosas runas brancas traçadas com clara de ovo. A criação do porco é uma das graves ocupações do povoado. Cada família acarinha, anima, rasca e cerna o seu com o maior desvelo; leva-o a passeio pela fresca da manhã; lava-lhe na ribeira da ria a

bojuda pansa rosada. Porém, nas medrosas noites de dezembro, um largo clamor trágico de angústia e dor brota de cada casa e se estende calefriante pelas solitárias vielas. E depois, a família inteira se regala com redondas murcêlas atulhadas de passas e pinhões, lombo em calda, fritada de fígado, vermelhos chouriços, crepitantes torresmos...

Nas largas varandas, ornadas no outono com largos cachos de amarelas maçarócas de milho, fazem rendas as raparigas operárias, inclinadas sobre a almofadinha, desde que Deus amanhece.

Tecem as suas ansias e tristezas com o trabalho subtil; porém não são canções de amor as que entoadam para se distraírem da sua tarefa inacabável; acompanhadas pelo repiqueteio suave dos bilros, cantam gravemente:

Cristianos venid,
 cristianos llegad...

Seriam sete horas quando entrou na agonia. A grande alcova, alumiada pela luz duma palmatória, e o amplo salão imediato, vagamente alumiado pelos incertos resplendores do crepúsculo que penetravam pelas sacadas abertas, estavam cheios do trágico estertor que brotava trabalhosamente do peito do moribundo. Nada

mais se ouvia. As seis ou oito pessoas amigas, imóveis e mudas no sofá e nas velhas poltronas de damasco, que acompanhavam angustiadas aquele acabamento, mais semelhavam sombras do outro mundo do que criaturas vivas. O alento do agonizante apagava-se por momentos quasi totalmente; logo voltava a surgir mais rijo e doloroso.

Na crescente sombra que invadia o salão, debaixo das centenárias vigas e pontões do tecto, parecia sentir-se o arripiante e calado adejo da morte.

Na alcôva, o longo e fraco corpo de D. Gaspar mal avultava debaixo das roupas da cama. A branca cabeça fundia-se-lhe nas almofadas. Sobre o rosto terroso, já como morto, recortava-se o agudo perfil do afilado nariz, a cujos lados, sob as pálpebras denegridas, se sumiam em largas covas os vitreos olhos que não haviam de ver outro sol. Por cima do agonizante, a cabeceira do antigo leito de madeira em que jazia, es-tudeava o régio esplendor das suas douradas talhas barrocas: um grande açafate coroado de aureas flores e fratas.

Até meio da tarde tinha-se defendido da inimiga. Mas depois, pouco a pouco, tinha ido caindo na última prostração: perdeu todo o movimento, e ao fazer-se noite, o pobre homem, caídos os braços e a cabeça, só vivia pelo rouco extertor que silvava angustioso entre os seus lívidos lábios entreabertos.

Generosa não se apartava um momento do lado do moribundo. Os negros bucos despenteados da sua candalosa cabeleira apenas eram sustidos pelos ganchos no alto da cabeça; os olhos sombrios e os traços de todo o seu semblante mostravam uma vazia expressão de fadiga e estupor. Passara muitos dias e noites sem se deitar nem descansar um momento. Às vezes deixava-se cair pesadamente sobre uma cadeira, já sem forças para sustentar de pé o seu galhardo corpo; mas em seguida tornava-se a erguer e, apoiada naquele leito em que haviam sido sacrificadas a sua juventude e a sua formosura, abanicava o agonizante, fazia-o respirar vapores de éter derramado num lenço, ou enxugava o gelado suor do seu atormentado rosto.

Já chegando muita gente. Naquela sala só entravam os íntimos, mas havia outros visitantes na casa de jantar, no escritório e nos vastos e sombrios corredores, galerias e ante-salas daquele grandíssimo casarão, convento em outro tempo, e com tal nome chamado ainda por todo o povo. Os de classe mais humilde, caseiros da aldeia a quem já havia chegado a notícia de que estava agonizando o amo, esperavam, silenciosos e pacientes, na fria treva do largo portal; as mulheres, envoltas nos seus chales, acoravam-se nos longos degraus de granito da escada, ao pé do lavado varandal de pedra. Para todos haveria abundante ceia na veladura do amo e fato de luto no dia do enterro.

Às oito, quando chegou D. Indolecio, o portal estava já cheio de lavradores. Os seus rijos sapatos do monte e o pau ferrado soaram ôcamente sobre as grandes losas, enquanto avançava por entre eles, respondendo por meias palavras ás saudações de todos. Não havia criatura mais querida em toda a comarca. Tinha mais de setenta anos, mas estava muito bem conservado, graças á vida sóbria e activa que levava. Era pequeno e membrudo, com grandes bigodes encanecidos que lhe cobriam a boca, e uns olhinhos diminutos, brilhantes de maliciosa bondade, em meio do semblante

redondo, queimado do sol e enrugado como camoêsa pelo natal.

Ao seu casão da aldeia, onde passava longas temporadas, tinham enviado um próprio anunciando-lhe o imminente fim do enfermo. Sem mais que pegar do pau tinha-se pôsto a caminho.

Apoiado na porta da alcôva esteve algum tempo contemplando a derradeira luta do seu amigo. Emocionou-se visivelmente, os olhos pestanejavam várias vezes para fazer desaparecer uma lágrima que queria escapar-se-lhe. Depois apartou-se vacilante. Alguem levantou-se do sofá, para lhe deixar lugar ao lado do pároco, que lhe estreitou a mão, murmurando:

— Resignação, resignação, D. Indolecio...! que lhe havemos de fazer...? Deus assim o dispõe... Todos teremos que pagar idéntico tributo.

— Cumpriu com a Igreja? — sussitou o recém-chegado.

— Sim — disse o cura —; de um modo exemplar. Hoje ao meio-dia.

— Bem!

— Às seis dei-lhe a extrema...

A sala estava ás escuras. Só a amarela e débil luz de um candieiro de iluminação pública, que ardia em baixo, na praça, punha a sua luminosa mancha nas brancas madeiras do tecto. Pelas sacadas abertas, cerrando o lado fronteiro da larga praça, divisava-se detraz das árvores a incerta mole da capela do Amparo e a taipa do campo santo. O lento arfar do agonizante soava cada vez mais trágico e obcecante em meio da obscuridade.

D. Indolecio, cuja família se ligava por laços de amizade e parentesco com a de D. Gaspar desde tempo imemorial, tinha sido sempre como um irmão mais velho para este. Juntos tinham ido á escola, juntos tinham celebrado os devaneios da juventude, e, depois, entrados em anos, que deviam ser de maior repouso, como D. Gaspar, apesar de casado e pai de um filho, era cada vez mais vicioso e bulhento, D. Indolecio fôra incansável para pôr um limite de razão ás loucuras daquele, prégando-lhe sem cessar para reprimir pródigos gastos ou apartá-lo de escandalosos arranjos.

— Ainda que não sejas casto, sê cauto — dizia-lhe constantemente.

O outro tinha sido toda a sua vida modelo de quantos vícios crescem loução; nos povoados pequenos; cartas, vinho e mulheres — sobre todos o último — tinham preenchido as horas da sua ociosa existência de rico fazendeiro, proporcionando-lhe mil e um desgostos. A não ser isso, a sua vida teria sido o cúmulo do fácil, sem outra preocupação nem trabalho senão cobrar as suas quantiosas rendas nos meses de outono e vender no inverno o trigo e o milho arrecadados. E ainda isto não teria sabido fazê-lo sem a direcção de D. Indolecio, que exercia generosamente a seu lado funções de administrador honorífico além das de conselheiro.

Tudo ia recordando vagamente D. Indolecio, enquanto ouvia angustiado o agónico estertor do seu amigo. E assim, pouco a pouco, chegou até á sua última loucura, aquela que ele, apesar de toda a sua influência, não tinha sido capaz de evitar.

— Tudo vem d'aí — pensava —, dêsse disparatado casamento. ¡E ainda Generosa é boa! Não a há melhor! Mas um homem de setenta e oito anos!... Era muita mulher para ele!

(Continúa)



ARTE



EXPOSIÇÕES

S. N. DE BELAS ARTES

Na exposição deste ano organizada pela Sociedade, observamos retratos notáveis, assiaados por Columbano e Luciano Freire, nomes dos mais gloriosos da nossa Arte. Martinho da Fonseca, pintor cuja reputação aumenta dia a dia, apresentou alguns trabalhos preciosíssimos, dos quais salientaremos a «Manhã de névoa» e a «Hora crepuscular». Vimos ainda pinturas muito apreciáveis dos consagrados artistas Alves Cardoso, Frederico Ayres, Eduardo Romero, Fernando dos Santos Emérico Nunes e outros.

Na escultura devemos mencionar o «Busto de criança» de Francisco dos Santos, e algumas figurinhas espirituosas de Anjos Teixeira.

MILY POSSOZ

Numa casa discreta da Travessa do Patrocínio, á Estrela, tivemos o prazer de examinar alguns sugestivos trabalhos da Sra.ª D. Mily Possoz.

Pintora de visão muito original, discípula de Lucien Simon e René Menard, adora, como o primeiro destes mestres, a vigorosa espontaneidade do traço, e, como o segundo, a serenidade calma, a poética espiritualidade, a expressão de vida duradoura e profunda, tanta vez revelada nas suas paisagens d'alma. Sem olvidar as referidas tendências do criador da «Proecissão» e do mestre d'«Os pastores», a Sra.ª D. Mily Possoz tem, no entanto, o segredo duma arte muito pessoal, absolutamente inconfundível, da qual está na plena posse.

É de naturalidade encantadora o quadro intitulado «Crianças estudando». Muito bem lançada a figura que se intitula «O modelo». Curiosíssimas as «Figuras num jardim»; e, ainda dignos de menção, os retratos, os apontamentos, os esboços, e tantos outros trabalhos, enfim, reveladores da sensibilidade adorável da illustre pintora e nos quais navelmente se confirmam os seus inegáveis méritos de verdadeira artista.

FERNANDES TOMAZ

Quando é tratado por mão de artista, o retrato, embora seja fotográfico, pode considerar-se, sem favor, como obra d'arte. Quer na pintura, quer no desenho, o retrato é das especialidades artísticas onde têm de se vencer maiores dificuldades, exige,

para que seja completo, conhecimentos de anatomia, de modelação, observação exterior, intuição psicológica e outros.

O fotógrafo Fernandes Tomaz, que realizou a sua exposição de retratos na Sociedade Nacional de Belas Artes, pode talvez não ser profundo nos conhecimentos que mencionamos, mas o que podemos afirmar com justiça é que os seus retratos fotográficos nos deixaram a impressão de obras d'arte.



FIGURAS NUM JARDIM POR, MILY POSSOZ

ALBERT JOURDAIN

Albert Jourdain, da Academia de Belas Artes de Bruxelas, é um pintor modernista de comprovado talento, já nosso conhecido de anteriores certames. Os seus trabalhos ultimamente expostos no salão Bobone são produtos duma esclarecida visão e impõem-se pelo colorido audacioso e brilhante.

O pincel que deu cor aos quadros intitulados «Feira», «Serenidade», «Debaixo do Toldo» e que, principalmente, enche de beleza superior a tela denominada «As sombrinhas», pode ter merecido, de alguns lábios, a classificação de extravagante, incompreensível ou intolerável, mesmo. No entanto é equivalente ao pincel dum mestre.

NO «SALON» DE PARIS

Maurício de Almeida, o querido discípulo de Teixeira Lopes, que já o ano passado se evidenciara na Exposição de Belas Artes com a estátua «O arrependimento», acaba agora de alcançar o mais retumbante successo no «Salon» de Paris, com o seu recente trabalho «Pelo caminho da vida», a que Felix Charpentier, hoje o maior mestre da Escultura francesa, não regateou as mais lisongueiras palavras.

EXPOSIÇÃO DO RIO DE JANEIRO

O Museu de Rafael Bordalo faz-se representar na Exposição do Rio de Janeiro com originaes e algumas reproduções de trabalhos do grande e saudoso caricaturista, além de fotografias representando as salas que constituem o precioso Templo d'Arte tão dedicadamente organizado por Cruz Magalhães.

Devem congratular-se com o facto todos os admiradores sinceros de Bordalo.

SAAVEDRA MACHADO



- CARTA DE PARIS -

MAIO DE 1922



Irisações de electricidade. Surdo trovejar de sala repleta. A orquestra arranca num diabólico «jazz» que fere e excita. O primeiro par, esbeltamente conjugado, patina no «parquet» lúcido, logo seguido de olhares. Um criado, com inegável acento transalpino, dirige-nos, molhando os beiços, a frase ritual. O meu amigo e eu apenas tomamos chá. Uma grã-duquesa russa e um argentino baralham in-

ífmio nada que prende, traduzido num laço, numa cintura, num talisman, num perfume ou num sábio retoque de «maquilage». O «dancing» é uma reacção do combate social valorizada pela colaboração dos sexos.

— Sem dúvida. Quasi podemos alterar versos de Richepin, do seu último livro «Les glas», escute:



crivelmente os pés.

— O salão de dança, argui, é na verdade, no Paris «après guerre», o mais refinado produto da exibição. Veja meu caro, o heterogêneo deste público e seu espantoso bulício. Ao lado da canalhice profissional que certo artificialismo denuncia, descortinam-se vultos de honestidade mundana, treinados no arrocho do século e harmonizando as duas metades da vida. Admira-me a quantidade de indivíduos cotados, laborando diversas profissões, que nestes espectáculos rivalizam em destreza com os vadios da moda.

— É fácil vêr por nós. Que viemos fazer aqui? As toadas bailantes refrescam e em todas essas mulheres há um



«Et puisqu'il nous est doux jusqu'au dernier instant
Paisies qui passent, de passer au chantant».

Substitua «chantant» por «dansant» e bate certo.

— «Les glas»? Livro de belezas, último rugido de leão decrepito, arrogante cartel lançado à morte. A «oração aos cinco sentidos» é a súplica da existência exuberante do Poeta. O seu fecho é hiroico,

«Et maintenant, toi, mon cerveau, leur majoréme
Avec l'autorité qui fait notre orgueil d'homme
De tout ce mon vaillant et traite au jourd'hui
Garde au monde ce que tu penses; Toi de l'âme»



Concordei. No exame ondulante dos bailarinos reconhecemos Napierkonska. E logo falamos da inevitável «Atlantide» filmada.

— Cenários e fotos soberbos. A «Atlantide» é um dos melhores fulcros da transição que o cinema atualmente enceta de diversão para arte. O seu defeito reside, porém, no físico da protagonista Pierre Benoit criou Antinea divinamente formosa e eu não reconheci na película a deslumbrante rainha da novela. Quanto a



ses começam a render-lhe devotíssimo culto, tão essencial à sua consciência de grande povo, sublimado por santos, gênios e heróis. A pastora de Donrémy é a sua relíquia imaculada de velhos tempos, como Guyne-mer é o seu prodígio doloroso, arcangelizado pelos ares.

«No coração de cada um de nós há um pedacinho da alma de Santa Joana e uma gota do sangue de Guyne-mer. E' esta a nossa força real. A França nunca dei-

Benoit, é o tipo feliz e mil vezes lido do romancista de hoje. A ficção empolga os nossos contemporâneos, acossados, esfalfados pelo turbilhão em que evoluem. O livro de hábil fantasia é, como o «dancing», uma reacção natural. Já os ingleses Wells, Haggard, Baronesa Orcsy e o americano Jack London o escreveram antes de nós. Marcel Schwob profetizou-o há anos no prefácio de «Cœur Double». Terminando com Benoit: «L'Atlantide» e «Koenigsmark» são as suas obras-primas. «Pour Don Carlos» desceu, «Le lac salé» é detestável e o que saiu há dias, «La chaussée des géants» acerca-se do nível das primeiras.

A banda chora agora um arrastado tango, que unge o lamento dos «harmoniums». O meu amigo, puro gaulês, ferido condecorado da guerra, vai dançar. Cinge uma mulher alta, nervosa, de olhos tépidos. São exímios, e o sorumbático tocador de banjo anima-se ao vê-los passar.

Quedo-me espantado quando, finda a música, ele me interroga, sorvendo chá, sobre Joana d'Arc. E logo, reverente, eu traço o que sei da heroína.

—Tem razão Joana d'Arc é o maior símbolo da França, longo tempo lacerada por acintosos politiquetes. Os france-

se- xará cair na lama e essa alma esse sangue».

Sorrindo, inalava fartamente o cigarro egípcio. Eu também sorri, cativado, pelos defeitos e virtudes da raça do meu amigo; gente leviana que exalta heróis em «dancings», mas que logo, soada a hora da valentia portentosa, sabe, como nenhuma, quebrar lanças pela liberdade, sem lembrança da vida e sem medo à morte.

A orquestra desandou num barulhento «paso doble» já pouco dançado.

O vestário era um compacto ramalhete de punhos brandindo senhas.

—E acredite, meu caro, vou aos festejos de comemoração. Lá me encontrará na primeira fila e sem calçado de polimento.

Insistia comigo à saída para que fosse ver o Pitoeff, o Georges Pitoeff, ao teatro dos Campos Elísios, na «Salomé». B:la coisa, afirmou, calçando as luvas. Eu não podia, não. Noite tamada. E lá se foi, pela rua gritante, zebrada de réclames luminosos.



NUNO VALENÇA

(Ilustrações de Bernardo Marques)



NO PRÓXIMO NÚMERO: COLABORAÇÃO, SOBRE A MULHER PORTUGUESA, DE SEBASTIÃO DA COSTA, LOPES D'OLIVEIRA, GUERREIRO MURTA, JULIÃO QUINTINHA, CLÁUDIO BASTO, BERNARDO DE PASSOS, DR. HENRIQUE DE VILHENA, TEÓFILO JUNIOR E ASSIS ESPERANÇA.

Deve também colaborar neste n.º o sr. CONDE DE SABUGOSA.

ILUSTRAÇÕES DE BERNARDO MARQUES, F. VALENÇA, ISAURA CAVALHEIRO, RAUL XAVIER, ROBERTO NOBRE, SAAVEDRA MACHADO E SAMORA BARROS. FOTOGRAFIAS DE COSTUMES.

Em «hors-texto» uma linda composição musical de IVO CRUZ, com letra de José Dias Sancho.

CAPA — UMA MIMOSA ALEGORIA DE SAMORA BARROS, A DUAS CÔRES.



LETRAS



MORNO

JOSÉ DIAS SANCHO

Saudade: exílio da Imagem
Que na Vida nos prendem!

Saudade: doce «Miragem»
No deserto do nosso «Eu»

«O GRAAL DO MEU ENCANTO» — por Fernando Tavares de Carvalho tem certas poesias que não agradarão a todos, no entanto alguns versos são cheios de delicadeza e de gosto artístico. «O sonho de Galumhilde, O Pagem» peca por ser muito extenso, mas tem arrôjo de concepção e termina muito bem. A «Balada» é dum lirismo doce que se gosta de saborear. Nela há imaginação e arte de verdadeiro poeta.

«VIZINHOS DO MAR» — Por Julião Quintinha.

Este livro de contos já vai para a 2.ª edição. Nela revela o seu autor uma imaginação ardente própria dos habitantes do Algarve.

Julião Quintinha soube escolher os assuntos, mas nem sempre é exacto na observação e, às vezes, atraído pelo gosto das coisas extravagantes, chega a prejudicar um pouco a realidade.

A linguagem desta obra é cheia de imagens coloridas e de vibrações; o autor parece ir atrás dos seus vãos de poeta, o que concorre para macular um pouco as virtudes do estilo.

Julião Quintinha anuncia nos para breve «Terras de Fogo». Temos toda a esperança de que esse trabalho há de merecer só elogios.

«SANGUE D'EPOPEIA» — é um livro onde Mateus Moreno patenteia, em narrativas cheias de simplicidade e de emoção, os feitos da Artilharia portuguesa na Flandres. Mateus Moreno de mistura com a crítica dos factos oferece-nos lindas páginas de história salpicadas de cores vivas que nos fazem evocar os dolorosos lances dos nossos soldados e ao mesmo tempo admirar a sua heroicidade.

É um livro que se lê com prazer, o que explica o bom acolhimento que o público lhe dispensou, exigindo quase a 1.ª edição. No entanto, nós que co-

LIVROS E AUTORES

«PÃO DO EXILIO» — Com este título publicou o sr. Salema Vaz, em esplêndida edição, um inspirado livro de versos. A sua Musa, que é sempre acariciada por um perfume acre de nostalgia, atinge nalgumas composições uma elevação digna de louvor.

A's vezes, porém, hesita e cai um pouco na monotonia, sem perder, no entanto, a sua inseparável companheira — a Saudade, que o autor canta em tom de prece:



MORNO

JULIÃO QUINTINHA

nhecemos muito bem Mateus Moreno, temos o direito de exigir dele uma obra de maior elevação e de mais fôlego.

«IDOLOS DE BARRO II - JULIO DANTAS» — José Dias Sancho, um moço poeta por temperamento e contista de recursos acaba de sustentar os vãos da sua imaginação para entrar nos domínios rígidos e gelados dos críticos, publicando este livro. Inspirado, talvez, um pouco, num estudioso muito equilibrado de Fidelino de Figueiredo, J. Dias Sancho dá-nos um trabalho curioso e cheio de qualidades. Num estilo de frase curta, movimentada e fácil, e num vocabulário variado, faz ele uma análise serena e, por vezes, muito feliz, do labor literário de Júlio Dantas, dando-nos ao mesmo tempo uns reflexos, ainda que fugitivos, duma época.

O seu livro tem ainda para nós esta virtude: é que, sendo um trabalho de erudição, lê-se contudo com muito gosto.

GUERREIRO MURTA

«AMOR SAFICO E SOCRATICO» — por A. C. Monteiro. A patzlogia sexual tem no Dr. Arlindo Camilo Monteiro um erudito investigador.

O volume — «Amor Sáfico e Socrático» — que «para uso de leituras e bibliotecas» acaba de publicar, não é apenas um estudo médico-forense — é uma verdadeira biblioteca. Quinhentas e tal páginas, urdidas numa prosa forte a ligar citações ou a expor conceitos, ilustram amplamente o leitor sobre o muito que se há escrito, desde os mais recuados tempos e em todas as nações, acerca das aberrações sexuais. Como arquivo de elementos e mesmo directriz para novos estudos do assunto, é o melhor trabalho de tômo que existe entre nós.

M. M.

Avizamos os srs. editores e autores de que só se criticam nesta secção os livros de que nos sejam enviados dois exemplares.

(ILUSTRAÇÕES DE JOSÉ DIAS SANCHO).



ANUNCIAR

NO N.º 3 DA



“ALMA NOVA”

é prestar culto à

MULHER PORTUGUESA

EXPEDIENTE

Com o presente número iniciamos a cobrança na Província. Para evitar despesas extraordinárias, pedimos aos nossos Ex.^{mos} assinantes que satisfaçam logo ao cobrador as respectivas importâncias.

BIBLIOTECA DA “ALMA NOVA”

MATEUS MORENO:

MINHA PATRIA, poemas..... 1\$00

DE PORTUGAL A FLANDRES, (cartas da Guerra)..... 1\$00

A SINFONIA MACABRA, (Máximas da Kultur), 3.ª ed., no prélo ilustr. por R. Nobre.....

SANGUE D'EPOPEIA (A Artilharia Portuguesa na Flandres) 1 volume ilustr. 3\$00

LUÍS CALADO NUNES:

ODES DE ANACREONTE..... 2\$00

JOSÉ REBELO:

CANTIGAS..... 1\$00

ARTE, ARTISTAS E PERFIS..... \$50

**Remessas franco porte
PARA TODO O PAIS**

Para colónias e estrangeiro acresce o porte.

BREVEMENTE:

EÇA DE QUEIROZ, notas íntimas, por D. Conceição d'Eça de Melo.

Manuel dos Santos Grifo

Fabricante de Lanifícios

COVILHÃ

○ ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○
○ **TODOS OS QUE PREZAM** ○
○ **A ECONOMIA** ○
○ **NÃO DEVEM COMPRAR** ○
○ **FAZENDAS DE LÃ** ○
○ **SEM PRIMEIRO** ○
○ **CONFRONTAREM OS** ○
○ **PREÇOS DESTA CASA** ○
○ ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○

**ENVIAM-SE AMOSTRAS PARA TODO
O PAIS E COLONIAS**



**SOCIEDADE
PORTUGUEZA
DE CONSTRUÇÕES
E DECORAÇÕES L.^{da}**

♥ ✕ ♥

**R. NOVA DO CARMO
43-2º - TEL. 1107-C.**



VASCO DE MORAES PALMEIRO (REGALEIRA)
(ARQUITECTO) L. S. A.



PROJECTOS COMPLETOS DE CASAS DE HABITAÇÃO.

...

DE EDIFICIOS PARA HOTEIS, CASINOS, ETC.

...

BOM GOSTO E CONFORTO

...

DECORAÇÕES INTERIORES

...

TRANSFORMAÇÕES DE ESTABELECIMENTOS
COMERCIAIS E INDUSTRIAIS

...

TUDO O GÉNERO DE CONSTRUÇÃO E DECORAÇÃO

...

AVALIAÇÕES DE PROPRIEDADES

...

TRABALHOS DE TOPOGRAFIA

É UM DEVER DE TODO O ESTABELECIMENTO "CHIC"
ANUNCIAR NO PRÓXIMO NUMERO DA "ALMA NOVA"